

A LEITURA COMO ACTIVIDADE PROMOTORA DE COMPETÊNCIAS EM ESTUDANTES DE PSICOLOGIA

“DIZ-ME O QUE LÊS, DIR-TE-EI QUE ESUTDANTE ÉS...”

(2008)

Joana Mafalda Batista Sobral

Psicóloga licenciada pela Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, Portugal.
Mestranda em Consulta Psicológica de Jovens e Adultos na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da
Universidade do Porto, Portugal

Contactos:

joanabsobral@gmail.com

RESUMO

Este projecto surgiu no âmbito da disciplina de Psicologia da Formação Profissional e da Educação de Adultos (PFPEA) inserida no 5º Ano da Licenciatura em Psicologia da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto (FPCEUP). O objectivo geral deste trabalho é focalizar-se numa actividade particular de aprendizagem que se considera que contribui, significativamente, para a formação de futuros psicólogos, a leitura. Além do enquadramento desta actividade particular para a promoção de competências nestes profissionais, apresenta-se, ainda, uma pequena investigação realizada com estudantes da própria FPCEUP.

Palavras-chave: Leitura, promoção de competências, psicólogos

1. INTRODUÇÃO

Numa altura em que o Governo, através do Ministério da Educação, em articulação com o Ministério da Cultura e o Gabinete do Ministro dos Assuntos Parlamentares assume como prioridade política elevar os níveis de literacia dos portugueses, o Plano Nacional de Leitura surge como tentativa de inculcar hábitos de leitura na população em geral e, em particular, nos jovens, promovendo esta actividade como factor de desenvolvimento. Constata, assim, a preponderância da leitura como actividade impulsionadora de competências, “determinante no

desenvolvimento cognitivo, na formação do juízo crítico, no acesso à informação, na expressão, no enriquecimento cultural (...)” (Plano Nacional de Leitura, 2007) de crianças, jovens e adultos.

Reconhecida a importância desta actividade para o desenvolvimento da população em geral, salienta-se, a necessidade de inculcar e aprofundar, desde cedo, hábitos de leitura nas camadas mais jovens, (seguindo a conhecida premissa de que “as crianças de hoje, serão os adultos de amanhã”), nomeadamente entre a população escolar. Assim, salienta-se a escolha provocatória do título atribuído a este projecto — “Diz-me o que lês, dir-te-ei que estudante és”— hipervalorizando esta actividade e responsabilizando os estudantes pela sua própria formação.

Ao longo do percurso realizado nos 5 anos curriculares da licenciatura em psicologia, foi recorrente a percepção do esforço de alguns professores da faculdade supramencionada em promover hábitos de leitura nos seus alunos. Além disso, a própria definição das competências científicas e académicas do aluno, assim como os objectivos do curso, englobam a capacidade de análise e de síntese escrita e oral, a capacidade de relacionamento e de comunicação, bem como a capacidade de desenvolvimento pessoal e profissional, competências essas que se acredita poderem ser promovidas pelo hábito da leitura. No entanto, os hábitos de leitura dos estudantes permanecem, de certa forma, uma incógnita quer para os professores, quer para a própria instituição. Desenvolverão, os estudantes, actividades de leitura frequentes? Que tipo de leitura preferem? Consideram esta actividade profícua para a sua formação enquanto futuros profissionais? Reconhecem algumas competências adquiridas através das suas leituras? Estas são apenas algumas das questões que motivaram, inicialmente, a proposta deste projecto e às quais se espera apresentar algumas respostas.

Em suma, esta breve introdução acentua a actualidade, pertinência e relevância da exploração e análise do impacto da leitura como actividade promotora de competências e aprendizagens gerais e específicas do desenvolvimento pessoal e profissional dos estudantes do curso de Psicologia, colocando algumas questões (ainda) sem resposta. Assim, através deste trabalho, pretende-se sublinhar a importância desta actividade, apresentando alguns estudos que se debruçaram particularmente sobre os hábitos de leitura de estudantes e destacando as suas principais conclusões. Além disso, tendo como referência o marcado interesse pelo impacto desta actividade em estudantes de psicologia e tomando-se, como referência este curso, apresentar-se-á o estudo realizado na FPCEUP, descrevendo os seus objectivos, a metodologia adoptada bem como resultados e respectivas conclusões.

2. A LEITURA COMO ACTIVIDADE PROMOTORA DE COMPETÊNCIAS

“Para viver com autonomia, com plena consciência de si próprio e dos outros, para poder tomar decisões face à complexidade do mundo actual, para exercer uma cidadania activa, é indispensável dominar a leitura.”

(Plano Nacional de Leitura, 2007)

De uma maneira geral a leitura é tida como actividade promotora de múltiplas competências gerais e específicas do desenvolvimento humano. Salienta-se, desde já que o termo competências surge no sentido mais lato de saberes, saberes-fazer, saberes-ser, saberes-transformar-se e saberes-tornar-se (Imaginário, 1995; Gonçalves, 2000). Segundo a justificação do Plano Nacional de Leitura, a União Europeia, a OCDE e a UNESCO “consideram-na um alicerce da sociedade do conhecimento, indispensável ao desenvolvimento sustentado” (Plano Nacional de Leitura, 2007). Salienta-se, no entanto, que as referências a esta actividade não se restringem à mera capacidade de descodificar símbolos, distinguir e reconhecer as letras e conjugá-las em palavras, apesar de esse ser o significado mais imediatista (reducionista?) atribuído à “leitura”. De facto, “ler é muito mais do que interpretar as letras para compreender a mensagem” uma vez que “inclui o sentimento e a atribuição de significados ao texto, além do relacionamento do conteúdo com outros conhecimentos já adquiridos” (Oliveira, Santos & Primi, 2003, p. 19). Gudakovska considera mesmo que a leitura é multifuncional, enriquecendo os leitores quer a nível intelectual, quer emocional (1996). No entanto, e posto assim, dificilmente se reconhecem as especificidades e potencialidades que esta actividade pode ter a um nível mais concreto. Pretende-se, então, salientar as competências específicas que se encontram, directa ou indirectamente, relacionadas com esta actividade, sublinhando-se, assim, a sua pertinência cada vez mais aclamada.

A aprendizagem inicial da leitura (nos primeiros anos de escolaridade), isto é, a aprendizagem da capacidade de descodificar as letras, conjugando-as em palavras, poderá ser considerada uma aprendizagem formal, no sentido de que está inserida no ensino escolar tradicional, fazendo parte de uma educação intencional, presencial, igual para todos os alunos, estática e imposta ao espaço da sala de aula, no contexto da turma (Silvestre, 2003). No entanto, e ao longo da escolaridade, após ter sido adquirida como capacidade, a leitura poderá estar na base de uma série de aprendizagens não formais. Numa sociedade predominantemente alfabetizada, os conteúdos escritos invadem o quotidiano da maioria das pessoas, desde os conteúdos televisivos, passando pelos produtos comprados no supermercado, as paragens de autocarro ou os medicamentos. Assim, a leitura viabiliza as aprendizagens involuntárias,

ocasionais, permitindo uma progressão permanente, acontecendo ao longo da vida e em qualquer espaço ou tempo, não sendo alvo da avaliação (Silvestre, 2003).

Partindo-se, então, do pressuposto de que a leitura estimula a atribuição e construção de significados, considerar-se-á que esta actividade promove, de certa forma, algum tipo de reflexão sobre o material com o qual se contacta, bem como um posicionamento crítico face ao mesmo. No extremo, considerar-se-á que a pessoa poderá desenvolver uma opinião baseada na sua apreciação do texto (gosto/não gosto; compreendo/não compreendo), que implica a emissão de um juízo sobre o que leu. Assim, dir-se-á que a compreensão da leitura envolve mais do que a descodificação das frases, na medida em que o leitor constrói significados a partir desta em conjugação com os seus conhecimentos e experiências anteriores (Oliveira *et. al*, 2003). Nesse sentido, a leitura poderá promover capacidades como a reflexão, o pensamento crítico ou mesmo a compreensão, dependendo do envolvimento que a mesma promova. Hodgson e Thomson (2000) defendem mesmo que a leitura promove o desenvolvimento de um sentido ético, desenvolvendo uma capacidade de compreensão global das pessoas, bem como da capacidade de comunicação, defendendo assim a promoção desta actividade junto de estudantes de medicina.

Por outro lado, Cunningham e Stanovich defendem que “a leitura tem consequências que se estendem para além da tarefa imediata de recolha de significados de uma mensagem em particular” (2001, p. 137), acumulando e promovendo várias capacidades cognitivas. De facto, à medida que a referida capacidade de reconhecer os símbolos se vai tornando mais automática, logo, menos exigente a nível cognitivo, tornamo-nos capazes de desenvolver competências de linguagem, competências verbais, expandindo vocabulário e adquirindo conhecimento através da leitura, promovendo, indirectamente, a inteligência e fomentando o conhecimento (Cunningham & Stanovich, 2001). Os autores apresentam ainda estudos que sustentam que a leitura pode compensar os efeitos negativos normativos do envelhecimento, na medida em que estimula as competências de raciocínio bem como a memória a longo prazo (Smith, 1996, in Cunningham & Stanovich, 2001). Além disso, a leitura poderá desenvolver o estilo de escrita de quem lê, promovendo, igualmente, o desenvolvimento gramatical e melhorando as competências de escrita em geral (Gallik, 1999).

Além destas competências, salientam-se ainda alguns estudos que demonstram a existência de uma relação estreita entre a compreensão na leitura, os hábitos de estudo e o desempenho académico dos estudantes (Oliveira *et al.*, 2003), pelo que se acentua, ainda mais, a importância desta actividade para este segmento da população. Tendo em linha de conta esta situação, apresentar-se-ão, em seguida, alguns estudos directamente relacionados com os hábitos de leitura dos estudantes.

3. OS HÁBITOS DE LEITURA DOS ESTUDANTES

Reconhecidas as potencialidades da leitura como actividade promotora do desenvolvimento, bem como de várias competências já elicitadas, salienta-se a preocupação evidenciada por vários autores relativamente aos hábitos de leitura dos estudantes, focando, particularmente, o desinteresse ou desinvestimento dos jovens neste tipo de actividade. De facto, se a leitura se reveste de uma importância facilmente perceptível para a população em geral, essa importância é acrescida para os estudantes uma vez que, “num sistema de educação baseado em textos, as competências de leitura dos estudantes serão um pré-requisito importante para o seu sucesso (...)” (Datta & Macdonald-Ross, 2002, p. 69).

Os estudos que se centram nos hábitos de leitura dos estudantes procuram, de uma maneira geral, perceber o tipo de leitura desenvolvido pelos jovens, as atitudes destes face a esta actividade, bem como a forma como seleccionam os seus materiais de leitura, pelo que esses serão aspectos a focar nesta apresentação. Salienta-se, no entanto, que os objectivos deste projecto não incluem o levantamento exaustivo dos estudos realizados neste âmbito, sendo apenas pretendido focar os dados que se apresentam como mais relevantes para a contextualização da temática em causa.

Nos últimos anos tornou-se uma crença generalizada de que os hábitos de leitura foram substituídos pelo interesse noutras actividades, como a televisão, telemóveis, jogos de computador, DVDs, entre outros (Allen & Ingulsrud, 2003; Hopper, 2005). No entanto, vários estudos realizados ao longo do tempo têm demonstrado alguma estabilidade nos hábitos de leitura dos adolescentes (Hopper, 2005), não havendo evidências de que, por exemplo, o tempo passado a ver televisão influa negativamente no tempo dedicado à leitura (Gallik, 1999). No que diz respeito aos tipos de leitura, Gudakovska (1996) concluiu que os estudantes preferem ficção científica, policiais e contos de fadas, salientando ainda que estudantes mais novos tendem a preferir a leitura de banda desenhada. No entanto, o que vários autores sugerem é que se deve ter em atenção os novos padrões de relacionamento com o material escrito, nomeadamente, o uso de computadores e o recurso à Internet (Gambrell, 2005), bem como a grande expansão e difusão de jornais e revistas particularmente dirigidas aos jovens (Halles & Coles, 1999 in Hopper, 2005; Datta & Macdonald-Ross, 2002). No estudo de Gallik (1999), por exemplo, os interesses dos estudantes recaíram sobre as revistas, com 73% de respostas, bem como conteúdos de Internet com 65%.

Hughes-Hassell e Lutz (2006) analisaram os hábitos de leitura de 245 estudantes, procurando perceber concretamente qual a atitude destes face à leitura, descortinando os motivos que fomentam e os que desmotivam o gosto por esta actividade. Concluíram que, em geral, a maioria dos estudantes se envolvia em actividades de leitura, preferindo ler pelo divertimento,

pelo relaxamento e pela aprendizagem. No que diz respeito a argumentos para preferir a leitura, a maioria apontava a preferência por outras actividades. Salienta-se, no entanto, que 30% dos estudantes consideravam não ter tempo disponível e outros tantos admitiram sentir dificuldades em encontrar bons livros. O mesmo argumento relativo à indisponibilidade de tempo foi encontrado por Friedberg, Mahanaimi, Lev-Zion, Sidi, e Glick (1998) num estudo acerca dos hábitos de leitura de estudantes do curso de medicina, bem como por Baptista, Amadio, Rodrigues, Santos, e Palludetti (2004) com estudantes de Psicologia. No estudo de Blackwood (1991, in Gallik, 1999) a maioria dos estudantes afirmou ler durante mais tempo durante as férias do que durante o período de aulas, o que poderá sustentar a hipótese de que os estudantes dispõem de menos tempo para essa actividade durante o ano lectivo. Assim, o interesse dos estudantes pela leitura poderá ser, de certa forma, testado anulando-se esta limitação de tempo, isto é, explorando-se, genericamente, a possibilidade de os estudantes lerem mais, no caso de disporem de mais tempo. Gallik (1999) obteve 72% de respostas positivas a esta questão, o que poderá ser um indicador significativo a ter em consideração nesta análise.

A dificuldade em encontrar bons livros aponta para a necessidade de se perceber como se processa a selecção dos materiais de leitura pelos jovens. Assim, a forma como os estudantes seleccionam ou acedem a estes materiais também tem sido alvo de exploração nos estudos. De uma maneira geral, estes tendem a apontar no mesmo sentido, referindo professores, pais, grupo de pares e bibliotecários como as principais influências dos estudantes (Gudakoska 1996; Hughes-Hassell & Lutz, 2006). No que diz respeito ao acesso propriamente dito a estes materiais, os estudantes citam, na maioria, as livrarias, as bibliotecas escolares, as bibliotecas públicas, os amigos ou a família (Hughes-Hassell & Lutz, 2006). No entanto, alguns autores apontam várias situações que impedem o acesso dos estudantes a materiais de leitura, nomeadamente, o preço dos livros (Castro & Sousa, 2000), a existência de poucos exemplares nas bibliotecas ou mesmo a inexistências de certos tipos de livros nesses locais, bem como o limite de tempo de empréstimo dos livros (Hodgson & Thomson, 2000).

Friedberg, *et. al* (1998) estudaram os hábitos de leitura de estudantes do terceiro ano de medicina. Neste estudo, os autores salientam o facto de a grande maioria dos estudantes desenvolver frequentemente actividades de leitura, sendo que 62% admitiam ler os materiais indicados pelos professores e 43% atribuíam a maior parte dos seus conhecimentos adquiridos no curso à leitura. Esta atribuição poderá ser significativa no reconhecimento da leitura como complemento essencial na aquisição de conhecimentos ou competências necessárias para o futuro desempenho da profissão.

Oliveira *et. al*, (2003, p. 20) acreditam ser “(...) dever da universidade proporcionar ao estudante uma formação que lhe propicie condições de possuir domínio das habilidades envolvidas na leitura, principalmente no que concerne à leitura técnico-científica, fundamental ao futuro desempenho desse estudante”. Apresentam, ainda, vários estudos que salientam as dificuldades de estudantes universitários ao nível da compreensão e produção de textos, bem

como na identificação das ideias principais das suas leituras, concluindo, como já referido, a existência de uma relação entre a compreensão na leitura e o desempenho académico.

No que diz respeito às diferenças entre grupos, parece ser clara a diferença de géneros na leitura, sendo que as raparigas tendem a ler significativamente mais do que os rapazes (Gallik, 1999; Hopper, 2005; Hughes-Hassell & Lutz, 2006). Verifica-se, no entanto, que o tempo dedicado à leitura tende a diminuir, em ambos os géneros, à medida que os estudantes vão progredindo na escolaridade (Gallik, 1999; Roberts & Wilson, 2004; Castro & Sousa, 2000). Estes dados referem-se, habitualmente, a comparações estabelecidas entre os primeiros anos de escolaridade (ensino básico) e o ensino secundário, não podendo ser generalizados para o ensino superior que, pelas suas características poderá apresentar algumas especificidades. De qualquer forma, Hodgson e Thomson (2000) salientam que muitos estudantes referem a entrada na universidade como situação que terá exercido um impacto negativo nos seus hábitos de leitura, isto é, terá implicado uma diminuição do tempo dedicado a esta actividade. Esta situação justifica-se, na perspectiva dos jovens, quer pela própria diminuição de tempo disponível (situação já analisada) quer pela existência de actividades mais atractivas, realização de trabalhos académicos ou mesmo pelo cansaço de uma rotina mais exigente.

Até ao momento foram apresentados alguns estudos relativos aos hábitos de leitura dos estudantes, não havendo grande preocupação em estabelecer relações específicas com o curso de psicologia, já assumido como referência neste projecto. Assim, questionando-se a existência de algumas diferenças ou especificidades no que diz respeito aos hábitos de leitura dos estudantes de psicologia, focalizar-se-á a atenção nesse sentido.

4. OS HÁBITOS DE LEITURA DOS ESTUDANTES DE PSICOLOGIA

Apesar de se ter procedido a uma breve apresentação de alguns estudos relativos aos hábitos de leitura dos estudantes, considerou-se pertinente focalizar a atenção em estudos que se debruçaram, particularmente, sobre estudantes de cursos de Psicologia, uma vez que este constitui um dos objectivos deste projecto. A pesquisa realizada neste sentido foi, inesperadamente, pouco produtiva, tendo sido encontrados poucos estudos focalizados neste domínio relativamente a estes estudantes. Se pouca atenção tem sido dedicada aos hábitos de leitura dos estudantes universitários em geral, mais dificilmente se encontram estudos dedicados especificamente a estudantes do curso de psicologia.

Clump, Bauer e Bradley (2003) afirmam que, em geral, nos cursos de psicologia estudados, os estudantes leriam cerca de 30% do material de leitura recomendado para as aulas, sendo que essa percentagem ascenderia até aos 70% caso esse material fosse alvo de avaliação directa. Os autores concluem, então, que com níveis tão fracos de leitura antes das aulas, não será surpreendente a falta de envolvimento dos estudantes nas mesmas. (Clump et. al, 2003). Por sua

vez, Baptista et. al (2004) encontraram uma percentagem bem superior, referindo que 68% dos estudantes de Psicologia leria “sempre/quase sempre” os textos relativos às aulas.

Segundo Steuer (1996), os estudantes de psicologia devem aprender uma série de competências académicas enquanto adquirem conhecimentos na área da psicologia, propondo 4 processos de aquisição: (a) aquisição de valores académicos (objectividade, precisão, etc.); (b) domínio de conhecimentos psicológicos (métodos, teorias, princípios, etc.); (c) aprender a aprender autonomamente (procura e organização de informação, síntese); e (e) melhorar as capacidades de comunicação (escrever, falar, etc.). Propõe, ainda, que estes processos se desenvolvem interactivamente, sublinhando o papel fundamental da leitura como actividade subjacente a estas interacções. De facto, “sendo a base de pesquisa da psicologia escrita, predominantemente, de uma forma paradigmática, a leitura crítica de materiais paradigmáticos é um aspecto indispensável na aprendizagem da psicologia” (Steuer, 1996, p. 229). Reconhece-se, assim, a especificidade que a leitura poderá exercer na formação de futuros profissionais da área de psicologia.

A grande maioria dos estudos apresentados, sejam, ou não, referentes a estudantes de psicologia, salientam, nas suas conclusões a dificuldade de generalização dos dados perante as limitações da amostra. De facto, há que ter em consideração que os dados recolhidos se reportam ao grupo particular de estudantes seleccionados para aquele estudo, e, não sendo amostras representativas deste segmento da população, dificilmente se podem tecer conclusões extensivas ou generalizações. Assim, e tendo em conta o marcado interesse em estudar estas questões, pretendeu-se desenvolver um estudo na FPCEUP, particularmente centrado nos estudantes do curso de Psicologia, no sentido de se explorar os hábitos de leitura destes.

5. O CURSO DE PSICOLOGIA NA FPCEUP

A Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação - Universidade do Porto, iniciou as suas actividades no ano lectivo de 1976/77, facilitando o ensino e promovendo a investigação nas áreas da Psicologia e de Ciências da Educação. Actualmente, e segundo o site da própria faculdade, são mais de 900 os alunos que frequentam a FPCEUP, estando incluídos os alunos dos dois cursos (Psicologia e Ciências da Educação), os alunos da pós-graduação, mestrado e doutoramento. Uma vez que o presente projecto se pretende debruçar especificamente sobre os alunos do curso da Licenciatura em Psicologia, far-se-á, uma breve descrição dos objectivos e organização do mesmo. Considera-se esta apresentação pertinente na medida em que se acredita que estes estão intimamente ligados com a promoção de hábitos de leitura nos seus estudantes.

O curso encontra-se organizado de acordo com o sistema de unidades de crédito, estendendo-se ao longo de 5 anos de estudos, sendo os três primeiros anos considerados a formação de base (comum a todos os alunos) e os dois últimos apostando na pré-especialização

numa de 7 áreas optativas: Psicologia do Desenvolvimento e Educação da Criança; Psicologia do Comportamento Desviante; Psicologia e Saúde; Consulta Psicológica de Jovens e Adultos; Psicologia do Trabalho e das Empresas; Psicologia da Linguagem; Psicologia Social da Política e da Economia.

Ao nível das competências científicas e académicas a desenvolver no aluno (FPCEUP, 2007), salienta-se os conhecimentos de teorias, a capacidade de procura de informação, capacidade de análise e de síntese escrita e oral, capacidade de relacionamento e de comunicação e a capacidade de desenvolvimento pessoal e profissional como podendo ser promovidas, directa ou indirectamente, através da leitura.

No que diz respeito ao plano oficial de estudos, em vigor desde o ano lectivo de 2000/2001, várias são as disciplinas que, na sua descrição apresentam como objectivos a aquisição de competências que se poderão desenvolver ou potenciar através do envolvimento em actividades de leitura. Um indicador igualmente interessante será a exploração das listas de bibliografia principal e complementar seleccionadas para cada disciplina, antecipando a leitura como actividade fundamental para o alcance dos objectivos da disciplina.

Estando já na recta final deste percurso académico, foi possível contactar, ao longo do mesmo, com o empenho dedicado por vários professores na tentativa de incutir hábitos de leitura nos estudantes, quer através da sugestão de livros (relacionados directa ou indirectamente com os conteúdos leccionados), quer pelo incentivo em desenvolver pesquisas autónomas, quer pela inclusão de trabalhos que visavam, concretamente, a leitura e reflexão de materiais de leitura específicos. De uma maneira geral, quer na opinião dos professores, quer na opinião dos próprios alunos, a licenciatura em psicologia promove, nos estudantes, autonomia na aquisição de conhecimentos e na própria formação. As competências relacionadas com a leitura surgem, então, como base na promoção dessa autonomia. Tal como já referido por Steuer (1996), uma das principais aquisições promovidas pelo curso de psicologia é o de aprender a aprender autonomamente. Dir-se-ia, assim, que os professores assumem uma postura pedagógica, no sentido de “(...) assumir as suas responsabilidades nas decisões sobre o que deve ser aprendido, como e quando deve ser aprendido e se foi aprendido (...)” (Imaginário, 2002, p. 1) mas, ao mesmo tempo, andragógica, assumindo-se como facilitadores da auto-aprendizagem (*ibidem*). Estarão os objectivos dos professores a ser alcançados, no que diz respeito à promoção de hábitos de leitura nos estudantes? Propõe-se, em seguida, a exploração do estudo realizado, nesse sentido, na FPCEUP.

6. METODOLOGIA

6.1. Objectivos

Partindo da apresentação realizada até ao momento, definem-se, os seguintes objectivos para este projecto:

(a) análise dos hábitos de leitura dos estudantes do curso de Licenciatura em Psicologia ministrado pela FPCEUP;

(b) exploração da percepção que os estudantes do curso de Licenciatura em Psicologia ministrado pela FPCEUP possuem da leitura como actividade promotora de competências para a sua prática profissional;

(c) exploração e análise de possíveis diferenças desta percepção consoante os hábitos de leitura;

(d) exploração e análise de possíveis diferenças desta percepção perante leituras sugeridas pelos professores ou seleccionadas por gosto/ preferência pessoal;

(e) exploração e análise de possíveis diferenças desta percepção mediante o ano lectivo dos estudantes.

6.2. Instrumentos – o questionário

Tendo em consideração os objectivos definidos, procurou-se construir um questionário, dirigido aos estudantes do curso de Psicologia. Esse questionário contou com 14 questões, tendo sido produzido com base nos dados e informações recolhidas através da exploração de estudos já realizados sobre esta temática e apresentados anteriormente.

Como dados demográficos pretendeu-se recolher o género, idade e ano curricular de frequência da licenciatura. No que diz respeito aos hábitos de leitura procurou-se perceber se os estudantes desenvolvem actividades de leitura, o seu interesse neste tipo de actividade, o tempo dedicado à leitura quer em período de aulas, quer no período de férias, os factores impulsionadores e desencorajadores da leitura bem como os tipos de leituras desenvolvidos (*cf.* Anexo 1 - Questionário). Incluiu-se, igualmente, uma questão relativa à percepção dos estudantes quanto à possível alteração dos hábitos de leitura aquando da entrada na faculdade, bem como uma questão que pretendia perceber se estariam, no momento actual, a ler algum livro

(diferenciando a relação deste com a licenciatura). Ao nível das competências promovidas pela leitura, construiu-se uma lista, com base na exploração da literatura, para que os estudantes pudessem assinalar as que, na sua opinião, são promovidas pelas leituras que realizam. Por último, incluiu-se uma questão que pretendia explorar a percepção dos estudantes quanto à utilidade das leituras realizadas no desempenho futuro das suas funções de psicólogo, solicitando-se, igualmente, que indicassem a forma como essas leituras teriam sido seleccionadas. Salienta-se que, nas questões que apresentam opções de resposta seleccionadas através das referências bibliográficas, se optou por incluir a opção “outras” pedindo aos estudantes que especificassem outras opções que considerassem igualmente válidas.

O questionário foi aplicado individualmente aos estudantes da FPCEUP, na própria faculdade, durante o período de aulas, solicitando-se a participação voluntária dos mesmos no estudo.

6.3. Amostra

Tendo em consideração a organização do curso de Licenciatura em Psicologia ministrado pela FPCEUP em 5 anos curriculares definiu-se, idealmente, a constituição de uma amostra significativa, reunindo 20 alunos de cada ano e perfazendo um total de 100 participantes neste estudo.

Foram recolhidos 106 questionários dos 5 anos da licenciatura, sendo 79, 2% do sexo feminino e 20, 8% do sexo masculino (o que se pensa ser representativo da população), e possuindo idades compreendidas entre os 18 e os 39 anos. No gráfico seguinte é possível verificar a dispersão dos sujeitos por ano de licenciatura, verificando-se uma distribuição relativamente homogénea da amostra.

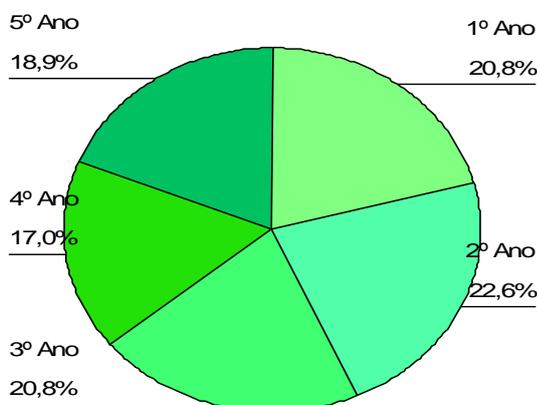


Gráfico 1- Distribuição dos sujeitos por ano da licenciatura

7. RESULTADOS E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Apresentar-se-ão, em seguida, os principais resultados obtidos pela análise dos dados recolhidos através do questionário aplicado aos estudantes.

No que concerne aos hábitos de leitura, tentou-se perceber a frequência com que os estudantes desenvolveriam actividades de leitura, devendo assinalar a sua resposta através de um *continuum* de opções oscilando entre “frequentemente”, “ocasionalmente”, “raramente” e “nunca”. Verificou-se que, a maioria dos estudantes (70%) assinalou a primeira opção, tendo 28% assinalado a segunda. Este poderia ser, à partida um bom indicador dos hábitos de leitura dos estudantes. No entanto, dada a interpretação subjectiva que poderia advir das opções de resposta (“frequentemente”, por exemplo, podem ser muito vago ou demasiado abrangente), procurou-se perceber o tempo específico dedicado à leitura, explorando possíveis diferenças entre o período de aulas e o período de férias dos estudantes.

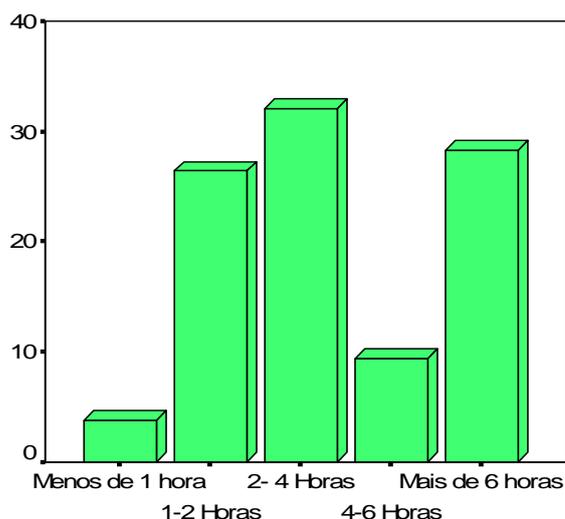


Gráfico 2 - Tempo dedicado à leitura
Período de aulas

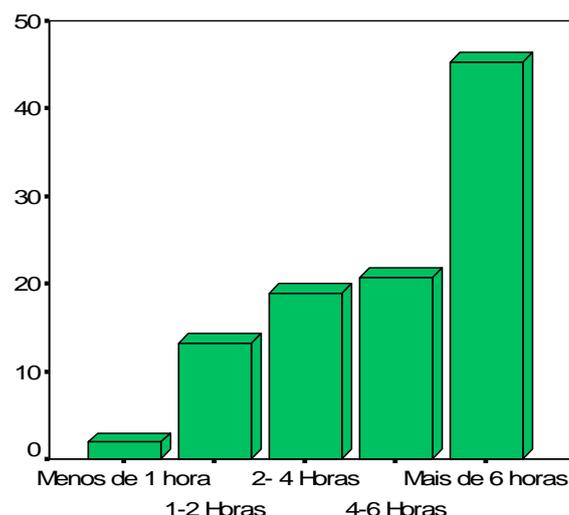


Gráfico 3 - Tempo dedicado à leitura
Período de férias

Como se pode verificar pela análise do Gráficos 2, os estudantes distribuíram-se maioritariamente pelas opções “1-2 horas”, “2-4 horas” e “Mais de 6 horas”, o que confirma a interpretação subjectiva da questão anterior. De facto, um estudante pode considerar que lê “frequentemente”, afirmando que lê cerca de 2 horas por semana, e outro, com a mesma opção, poderá ler mais de 6 horas. De qualquer forma, analisando os dados patentes no Gráfico 3, relativo ao tempo dedicado à leitura no período de férias, verifica-se que cerca de 50% dos estudantes lê mais de 6 horas por semana neste período. A comparação dos dois gráficos e a verificação de dispersões tão distintas, poderá conduzir-nos à conclusão de que os estudantes se

envolvem mais em actividades de leitura quando dispõe de mais tempo para isso. Assim, procurou-se analisar as respostas à questão “Se tivesse mais tempo, considera que leria mais?”, como forma de perceber o interesse dos estudantes na leitura. Sustentando o interesse nesta actividade, 96,2% dos estudantes responderam afirmativamente a esta questão. Salienta-se, no entanto, que não foi solicitado que distinguíssem o tipo de leitura a que se referiam em ambos os períodos (aulas e férias), pelo que apenas se poderá especular que a leitura desenvolvida no período de aulas esteja mais relacionada com os trabalhos académicos e o investimento no curso, assim como a desenvolvida no período de férias corresponda a uma leitura mais recreativa. De qualquer forma, e perante estes dados poder-se-á considerar que os estudantes gostariam de dispor de mais tempo para ler, lendo, de facto, mais, aquando das suas férias.

Ainda no que diz respeito às atitudes dos estudantes face à leitura, tentou-se perceber quais os motivos que estes consideravam quer encorajadores, quer desencorajadores deste tipo de actividade. Da análise dos dados referentes a estas questões, foram construídas as seguintes tabelas.

Razões que encorajam a leitura	% de estudantes
Divertimento	47,2%
Aprendizagem	71,7%
Relaxamento	50,9%
Preencher o tempo	26,4%
Prazer da leitura	83 %
Imposição de alguma disciplina	56,6%
Sugestão de um professor	20,8%
Outras	5,7%

Tabela 1- Razões que encorajam a leitura

Razões que desencorajam a leitura	% de estudantes
Falta de tempo	83%
Actividade maçadora	5,7%
Preferência por outras actividades	17%
Demasiados trabalhos académicos	83%
Dificuldades em encontrar bons livros	1,9%
Preço excessivo dos livros	49,1%
Livros desinteressantes	24,5%
Outras	0

Tabela 2 - Razões que desencorajam a leitura

Pela análise das tabelas anteriores, é possível verificar que a aprendizagem (71,7%) e o prazer da leitura (83%) foram as razões mais escolhidas pelos estudantes como motivadoras da leitura. No entanto, apenas 56,6% considera que a imposição de uma disciplina os encoraja a leitura, sendo que essa percentagem desce para 20,8% caso se considere a mera sugestão de um professor. Estes dados não deixam de ser um pouco curiosos, na medida em que os estudantes consideram importante ler para aprender, mas não tendem a ler os livros sugeridos pelos professores. Esta análise poderá ser complementada com a exploração da forma de selecção das leituras dos estudantes, uma vez que os estudantes poderão seleccionar, através de pesquisa autónoma, os seus materiais de leitura, desvalorizando a sugestão dos professores. Alguns participantes referiram ler por interesse particular num tema (4), ou como forma de expressão emocional (2).

Quanto aos motivos que desencorajam a leitura nos estudantes, destaca-se a falta de tempo e a existência de demasiados trabalhos académicos, ambas com 83% de respostas. Esta situação é consistente com as respostas anteriores dos estudantes, tanto na afirmação de que leriam mais caso dispusessem de mais tempo, como reconhecendo ler, de facto, mais, no período de férias. Talvez importe ainda salientar que, para cerca de 50% dos estudantes, o preço dos livros é um motivo desencorajador da leitura, sendo este dado consistente com os estudos referidos anteriormente (Castro & Sousa, 2000).

Tendo em conta os dados de estudos anteriores, particularmente de Hodgson e Thomson (2000) que salientam a entrada na universidade como situação que terá exercido um impacto negativo nos hábitos de leitura dos estudantes, tentou-se perceber, se os estudantes de Psicologia da FPCEUP percepcionavam a sua entrada na faculdade, particularmente, a frequência do curso, como um acontecimento com algum impacto nos seus hábitos de leitura.

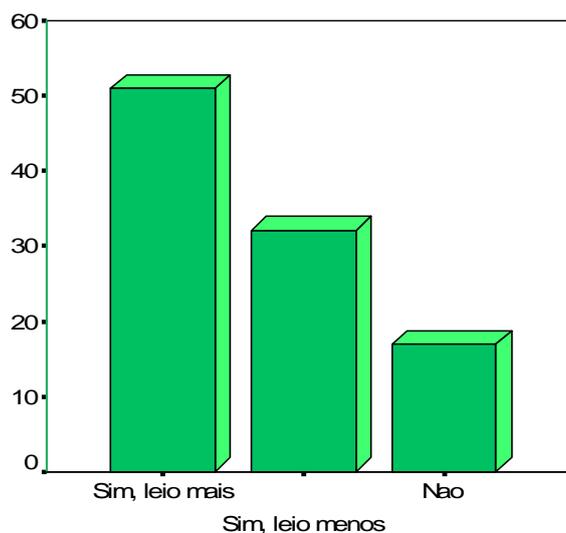


Gráfico 4 – A entrada na faculdade interferiu nos seus hábitos de leitura?

A grande maioria dos estudantes, cerca de 83%, respondeu afirmativamente à questão, considerando que a entrada na faculdade interferiu nos seus hábitos de leitura. No entanto, as opiniões dividem-se no que diz respeito à direcção dessa interferência, sendo que 50% considera que lêem mais actualmente, e 32% afirmam ler menos. Esta disparidade poderá ser interpretada pela ausência de especificação quanto ao tipo de leitura realizada. Na verdade, um estudante pode considerar que lê mais, no sentido de que a realização dos trabalhos académicos ou a preparação para os exames implica a leitura de algum material, e outro estudante poderá considerar que lê menos, uma vez que se vê privado de tempo para desenvolver actividades de leitura recreativa que desenvolveria antes da sua entrada na faculdade. Apesar de serem apenas hipóteses, a verdade é a ausência de especificação poderá ter conduzido a alguma ambiguidade na interpretação da mesma.

Tentou-se perceber, igualmente, se os estudantes estariam a ler algum livro no momento da aplicação dos questionários, explorando-se a relação deste material com a licenciatura. A maioria dos estudantes confirmou estar envolvido numa actividade de leitura, recolhendo-se 86% de respostas positivas. No entanto, quando à relação deste material com a licenciatura, as respostas dividiram-se de forma bastante homogénea, sendo que 43,4% confirmou essa ligação e 45,3% a negou. Tendo em consideração o momento de aplicação dos questionários, estando bastante próximo do final do ano lectivo e correspondente início do período de frequências e exames finais, considera-se estas respostas como indicadores bastantes positivos. De facto, a grande maioria dos estudantes afirmou estar envolvido em actividades de leitura, sendo que metade parecia referir-se a leituras recreativas (não relacionadas com a licenciatura).

No que diz respeito ao tipo de leitura preferido pelos estudantes, tentou-se apresentar um leque bastante diversificado de opções de resposta, considerando-se particularmente os jornais, revistas e as novas tecnologias como a Internet como formas válidas de leitura, tal como sugerido pelas referências consultadas. Os dados são apresentados na tabela seguinte.

Tipo de Leitura	% de estudantes
Livros académicos	90,6%
Ensaios	15,1%
Romances	69,8%
Banda Desenhada	20,8%
Poesia	26,4%
Jornais	60,4%
Revistas	50,9%
Internet (jornais electrónicos, blogs, e-mails, etc.)	56,6%
Outros	15,1%

Tabela 3 - Tipo de leitura

A análise da tabela permite verificar que a maioria dos estudantes se envolve em diferentes tipos de leitura, uma vez que 5 opções obtiveram respostas acima dos 50%. Destaca-se, no entanto, a grande percentagem atribuída a livros académicos (90,6%) e a romances (69,8%), sendo consistentes com os dados anteriores. De facto, e apesar de alguma centração na licenciatura e nas leituras que lhe estão associadas, surge também a procura de leituras mais recreativas. A opção de incluir jornais, revistas e Internet revelou-se adequada, obtendo respostas na ordem dos 50-60%. As novas tecnologias bem como a difusão em massa de jornais (muitos já gratuitos) e revistas parece ter tido um impacto positivo nos hábitos de leitura. A opção “outros” foi preenchida com referências a livros policiais (6), de ficção científica (4), arte (1), desporto (1) e biografias (1).

Além da análise dos hábitos de leitura dos estudantes, pretendia-se explorar em que medida os estudantes consideravam a leitura uma actividade capaz de promover competências. Assim, e com base nas referências foi construída uma lista de possíveis competências desenvolvidas por esta actividade, solicitando-se aos estudantes que assinalassem as que seriam promovidas pelo tipo de leitura que realizavam. Os dados encontram-se aglomerados na tabela seguinte.

Competência	% de estudantes
Aquisição de vocabulário	83%
Competências gerais de linguagem	71,7%
Competências de comunicação	49,1%
Sensibilidade	43,4%
Competências verbais	49,1%
Capacidade de compreensão	71,7%
Tomada de perspectiva social	54,7%
Memória	26,4%
Raciocínio	37,7%
Desenvolvimento gramatical	37,7%
Competências de escrita	66%
Empatia	17%
Criatividade	54,7%
Reflexão	75,5%
Capacidade crítica	73,6%
Desenvolvimento emocional	43,4%
Aquisição de conhecimento	71,7
Outras	0

Tabela 4 - Competências promovidas pela leitura

Como se pode verificar, as competências mais assinaladas pelos estudantes foram a aquisição de vocabulário (83%), a reflexão (75,5%), a capacidade crítica (73,6%), competências gerais de linguagem (71,7%), capacidade de compreensão (71,7%), aquisição de conhecimento (71,7%) e competências de escrita (66%). Salienta-se, no entanto, que todas as competências apresentadas tiveram algum grau de concordância nos estudantes (tendo apenas a empatia reunido menos consenso com 17%), o que poderá indicar, por um lado, a adequação das competências seleccionadas e, por outro, a facilidade dos estudantes em reconhecer na leitura uma actividade promotora de diversas competências.

De facto, e ainda no que diz respeito às competências, tentou-se perceber se os estudantes consideravam que as leituras realizadas ao momento no âmbito da licenciatura os teria ajudado na aquisição de competência que poderiam vir a ser úteis no desempenho das futuras funções enquanto psicólogo. Salienta-se que 92,5% dos estudantes responderam afirmativamente, reconhecendo claramente a leitura como actividade promotora de competências enquanto psicólogos. Perante este reconhecimento, explorou-se, ainda, a forma como essas leituras teriam sido seleccionadas.

Seleccção das leituras	% de estudantes
Pesquisa autónoma	66%
Sugestão de um professor	83%
Sugestão de um/a amigo/a	24,5%
Sugestão de um familiar	5,7%
Outra	1,9%

Tabela 5 - Seleccção das leituras

No que diz respeito à seleccção das leituras que terão ajudado na aquisição de competências enquanto futuro psicólogo, 83% dos estudantes referiu terem sido sugeridas por um professor e 66% através de pesquisa autónoma. Retomando os dados já analisados quanto aos motivos encorajadores da leitura, recorda-se que apenas 20% dos alunos reconhecia a sugestão dos professores, tendo-se questionado se os alunos preteririam estas sugestões por uma pesquisa autónoma. Através da análise a esta questão é possível perceber que, se o aluno procura activamente materiais de leitura, está igualmente atento às sugestões realizadas pelos professores, reconhecendo nas mesmas potencial para aquisição de competências.

Surgiam, ainda como objectivos deste projecto, explorar e analisar possíveis diferenças da percepção dos estudantes consoante os hábitos de leitura, bem como o ano lectivo dos estudantes. No entanto, verificou-se que quer os hábitos de leitura, quer a percepção dos estudos não apresentam variações significativas quanto ao ano da licenciatura, avançando dados bastante homogéneos. Supunha-se, inicialmente, que os estudantes dos últimos anos da licenciatura

pudessem ter menos tempo disponível para a leitura, evidenciando essa situação nas suas respostas. No entanto, todos os estudantes se reportam, de uma maneira geral, à quantidade de trabalhos académicos, sendo que os alunos dos últimos anos poderão já ter ritmos de trabalho adaptados às exigências da licenciatura que lhes permita desenvolver outras actividades em paralelo.

Esperava-se, ainda, que os alunos do primeiro ano não possuíssem, ainda, uma percepção clara das competências enquanto futuros psicólogos, visto estarem no início da sua formação enquanto tal. Salienta-se, no entanto, o momento de aplicação nos questionários como uma possível variável, de certa forma, atenuadora destas questões. De facto, estando no final do ano lectivo, os estudantes do primeiro ano contam já com alguma experiência no âmbito da aprendizagem da psicologia. Além disso poderão (deverão) ter contactado, durante este ano, com alunos de outros anos, apercebendo-se das suas experiências e captando as suas percepções acerca da licenciatura.

Terminando-se a apresentação e discussão dos principais resultados apontados pelos dados recolhidos através do questionário, resta agora reflectir globalmente sobre os mesmos, tentando apresentar algumas conclusões.

8. CONCLUSÃO

Tendo em consideração todo o trabalho desenvolvido ao longo deste projecto, é possível retirar várias ilações consoante o enfoque pretendido.

Por um lado, é possível reconhecer a leitura como actividade promotora de múltiplas competências, sendo fundamental para o desenvolvimento quer enquanto pessoas, quer enquanto profissionais da área de psicologia. Os estudos apresentados referem-se a competências gerais, como expansão do vocabulário competências de linguagem, competências verbais, aquisição de conhecimento, capacidade de compreensão, entre outras, bem como competências mais específicas aos estudantes, como o desempenho académico, a capacidade de reflexão e compreensão. Reconheceu-se, ainda, a especificidade de promoção de competências em estudantes de cursos de psicologia, reportando-se, precisamente, a estudos realizados nessa população específica.

Por outro lado, e no que diz respeito ao estudo desenvolvido, parece ser possível concluir-se que o esforço dos professores é profícuo na promoção de hábitos de leitura nos estudantes de psicologia da FPCEUP. Salvaguardando-se a existências de múltiplas variáveis influentes nos hábitos de leitura dos estudantes (além do esforço dos professores), salienta-se que a análise dos dados permitiu verificar o marcado interesse destes por esta actividade. Foi de certa forma surpreendente verificar que em algumas análises às respostas dos estudantes as percentagens

ascendiam aos 70-80% dos estudantes, representando maiorias significativas. Conclui-se, assim, que os estudantes desenvolvem actividades de leitura (estejam directamente relacionadas com a licenciatura ou sendo recreativas) frequentemente, dedicando-lhe mais tempo quando o têm disponível e reconhecendo a promoção de várias competências através da mesma.

Tal como já referido na exploração dos outros estudos realizados neste âmbito, reconhece-se a limitação do mesmo quanto à amostra seleccionada. De facto, talvez ideal fosse abranger os estudantes dos vários cursos da Universidade do Porto, podendo-se mesmo tentar estabelecer comparações entre os mesmos. Encontram-se, igualmente, algumas limitações no próprio questionário construído para este estudo. Apesar de apenas se pretender explorar, genericamente, os hábitos de leitura dos estudantes, talvez não fosse menos pertinente tentar especificar os tipos de leitura realizados, bem como os motivos subjacentes a essas escolhas. Assim, fica o desafio de aprofundar este estudo, tentando perceber, por exemplo, o tipo de jornais/revistas preferidos pelos estudantes, os conteúdos da Internet consultados ou mesmo os livros/autores mais procurados. Poder-se-ia, igualmente, tentar relacionar as leituras com a própria promoção de competências, uma vez que a leitura de romances certamente apelará a competências diferentes da leitura de jornais desportivos, por exemplo.

Retomando o título seleccionado para este projecto “Diz-me o que lês, dir-te-ei que estudantes és”, reconhece-se o carácter hiperbólico do mesmo. No entanto, dadas as reconhecidas potencialidade da leitura como actividade promotora de competências, pretendia-se valorizar a mesma na formação dos estudantes enquanto futuros profissionais, ampliando a utilidade e o interesse de promover hábitos de leitura regulares e diversificados.

Conclui-se, então, que a leitura é uma actividade que promove a educação e a aprendizagem ao longo da vida promovendo, especificamente, o “aprender a aprender, para beneficiar das oportunidades oferecidas pela educação durante toda a vida” (Imaginário, 2000, p. 6). Permite, ainda, “aprender a ser, para melhor desenvolver a sua personalidade e estar à altura de agir com cada vez maior capacidade de autonomia, de discernimento e de responsabilidade pessoal” (*ibidem*), compreendendo-se a salientando-se a utilidade da mesma na formação.

10. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Allen K. & Ingulsrud, J. (2003). Manga literacy: Popular culture and the reading habits of Japanese college students. *Journal of Adolescent and Adult Literacy*, 46, 8, 674-683.

Baptista, M., Amadio, A., Rodrigues, E., Santos, K. & Palludetti, S. (2004). Avaliação dos hábitos, conhecimentos e expectativas de alunos de um curso de psicologia. *Psicologia Escolar e Educacional*, 8, 2, 207-217.

Cabral, A. & Tavares, J. (?) *O (in)sucesso no ensino superior: a leitura, a compreensão e a escrita* - um projecto na Universidade de Aveiro. Projecto de Doutoramento em Ciências da Educação na área dos Factores de Sucesso e Insucesso no 1º ano do ensino superior e da Unidade de Investigação “Construção do Conhecimento Pedagógico nos Sistemas de Formação”.

Castro, R. & Sousa, M. (2000). Hábitos e atitudes de leitura dos estudantes portugueses. [On-line]. Disponível em: <http://www.ectep.com/literacias/orientacoes/ensaio/01.html#notas>

Clump, M. Bauer, H. & Bradley, C. (2003). The extent to which psychology students read textbooks: A multiple class analysis of reading across the psychology curriculum. *Journal of Instructional Psychology*, 31, 3, 227-232.

Cunningham, A. & Stanovich, K. (2001). What reading does for the mind? *Journal of Direct Instruction*, 1, 2, 137-149.

Datta, S. & Macdonald-Ross, M. (2002). Reading skills and reading habits: a study of new Open University undergraduate reserves, *Open Learning*, 17, 1, 69-88.

FPCEUP. (2007). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto. [On-line]. Disponível em: <http://www.fpce.up.pt>.

Friedberg, M., Mahanaimi, D. Lev-Zion, R. Sidi, A. & Glick, S. (1998). Reading habits of third-year medical students during an integrated endocrinology course, *Medical Teacher*, 20, 2, 133-137.

Gambrell, L. (2005). Reading literature, reading text, reading the internet: the times they are a' changing - Issues and trends in literacy. *The Reading Teacher*, 58, 6, 588-591.

Gallik, J. (1999). Do they read for pleasure? Recreational reading habits of college students. *Journal of Adolescent & Adult Literacy*, 42, 6, 480-488.

Gonçalves, C. (2000). *Desenvolvimento vocacional e promoção de competências*. Comunicação apresentada no II Encontro Internacional de Galiza e Norte de Portugal de formação para o trabalho.

Gudakovska, I. (1996). Students' reading habits in Latvia. *Journal of Adolescent & Adult Literacy*, 40, 1,??

Hodgson, K. & Thomson, R. (2000). What do medical students read and why? A survey of medical students in Newcastle-upon-Tyne England. *Medical Education*, 34, 622-629.

Hopper, R. (2005). What are teenagers reading? Adolescent fiction reading habits and reading choices, *Literacy*, ?, 113-120

Hughes-Hassell, S. & Lutz, C. (2006). What do you want to tell us about reading? A survey of habits and attitudes of urban middle school students toward leisure reading. *Young Adult Services*, ?, 39-45.

Imaginário, L. (1995). Balanço de competências. Texto fornecido pelo autor (texto policopiado).

Imaginário, L. (2000). *A aprendizagem dos adultos – definições*. Texto fornecido pelo autor (texto policopiado).

Imaginário, L. (2002). *Andragogia*. Texto fornecido pelo autor (texto policopiado).

Jackson, N. (2005). Are university students' component reading skills related to their text comprehension and academic achievement?. *Learning and Individual Differences*, 15, 113-139.

Jarvis, C. (2003). Desirable Reading: the relationship between women student's lives and their reading practices. *Adult Education Quarterly*, 53, 4, 261-276.

Oliveira, K., Santos, A. & Primi, R. (2003). Estudo das relações entre compreensão em leitura e desempenho académico na universidade. *Interacção em Psicologia*, Vol. 7, 1, 19-25.

Plano Nacional de Leitura. (2007). [On-line]. Disponível em <http://www.planonacionaldeleitura.gov.pt/>

Roberts, M., & Wilson, J. (2004). Reading attitudes and instructional methodology: how might achievement become affected?, *?*, 64-69.

Rumbaugh, W. & Brown, C. (2000). The impact of reading recovery participation on student's self-concepts. *Reading Psychology, Vol. 21*, 13-30.

Silvestre, C. (2003). *Educação /formação de adultos como dimensão dinamizadora do sistema educativo/formativo*. Lisboa: Instituto Piaget.

Steuer, F. (1996). Reading in the undergraduated psychology curriculum. *Teaching of Psychology, 34, 4*, 226-230.